

O ÚLTIMO DIREITO

Toda gente sabe que a alegria maior do casamento decorre dos filhos. Deles fluem a felicidade, o encanto, a pureza do amor, a graça incomparável da inocência. Não há tristeza, não há revés, surgido da luta diária do trabalho, que não desapareçam em poucos minutos, quando se retorna ao lar. Num instante, tudo de ruim, que aconteceu durante o dia, desaparece. Basta que nossa criança, nosso filho erga seus bracinhos, sorria, faça um pequeno pedido, caminhe, tropegamente, em nossa direção. Aquele pedaço da gente, que não fala direito, que ri e chora facilmente, num átimo, opera o milagre em nosso coração: enche-o de luz.

Bons, maravilhosos tempos em que os filhos são pequenos.

Mas, eles crescem. E se é fácil e gostosa a criação, a educação é uma parada. O desenvolvimento intelectual e moral, as ansiedades, as incertezas, as definições, o encaminhamento para a vida e tudo mais que constitui a formação da personalidade... é que nos derrubam os cabelos, nos vincam a face de rugas, nos deixam incontáveis vezes, com o coração na mão. Se eles recebem demais, se tornam perdulários, se recebem pouco, transformam-se em revoltados.

O duro é dosar, manter o equilíbrio, saber dizer sim e saber falar não. Conceder e fazer restrições, na hora certa, na ocasião oportuna... aí é que o "caminhão pega o barranco". É difícil, muito difícil transformar a própria vida em exemplo, ser valente quando se tem medo, sorrir quando as lágrimas estão aflorando nos olhos, decidir quando não se sabe o que fazer, pensar quando se está em pânico.

A cidade é pequena. O ensino e o trabalho quase não oferecem oportunidades. As opções são poucas. Os centros maiores, mais adiantados, devem ser demandados.

Começa a "via crucis" dos vestibulares. O ensino universitário é um funil, estreita é a porta da faculdade. A distância, o meio estranho, o medo do insucesso, o trauma do fracasso... Depois, a "pensão", a "república"... as companhias, os fantasmas do álcool e do tóxico, as viagens, a volta tardia, o medo do acidente rodoviário... um telefonema fora de hora. Decididamente, o coração dos pais resiste a tudo.

Anos de estudo, de dedicação, de renúncia. As preces, os votos, as promessas. Mas o dia chega. Graças a Deus: a formatura, o diploma, luzes, festas, colação de grau, orgulho e lágrimas. Aí começa a segunda luta, tão árdua, tão dura como a primeira: outro funil, outra competição, portas mais estreitas ainda. Então, tudo o que se fez, tudo que aconteceu começa a frutificar. A criança se torna homem, seguro, certo, determinado. Não há mais quem o segure. Ele venceu, tem uma profissão, uma carreira. O mundo é seu, o horizonte é largo, seguro, feliz.

Os pais não dizem, mas pensam: Obrigado meu filho. Conquistamos, finalmente, o último direito... o direito de morrer.